



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

CELESTINO GOMES PIRES

O sr. Pires da Farmácia nós o conhecemos, já lá vão uns anos, pois morreu em finais (21-12) de 1978. Era uma pessoa séria, sorumbática, que até parecia que andava sempre aborrecido. Desconfiamos, porém, que por trás daquele semblante um tanto áustero e meditado, que nos ficou de memória, se escondia, não propriamente um espírito folgazão, mas uma pessoa comunicativa que a cada passo desafiava os amigos para um passeio, que culminava ordinariamente com uma monumental feijoada no Marachão. Celestino Pires era sempre um dos mais entusiastas. Compulsando os alfarrábios, neste caso, os jornais antigos, pudemos ver anúncios para feijoadas cujas inscrições, podia ler-se, eram na Farmácia Higiénica. Os convivas desse tempo e logicamente desses pantagruélicos ágapes eram quase sempre o sr. Regada, o P.e Avelino Borda, Assunção, Manecas Rocha, Ernestino Glória, Antonino Borda, José Mariz, o P.e Job Penetra, P.e Alaio, P.e Carlos Lima, Carlos Turra, Ascensão e tantos outros. O sr. Pires, calmo mas eficiente, era o *pivot* destas reuniões. Natural das Necessidades, frequentou o seminário de Braga onde terminou os preparatórios. Depois, não se sentindo muito vocacionado para o sacerdócio, abandonou a vida de seminarista. Não sabemos em que condições, mas logo foi trabalhar para a farmácia do Hospital bracarense ao mesmo tempo que «cá fora» ia prosseguindo os estudos. Não foram estes muito além, pois mudou-se, passados poucos anos, para a sua terra onde trabalhou na farmácia local. E ainda muito novo, com 19 anos, veio para Fão, não sabemos se ferido pelas setas de Cúpidos, lançadas por aquela que mais tarde viria a ser sua esposa, Ludovina de Campos Mendanha, se apenas impulsionado pelo instinto de aventura. Trabalhou na farmácia junto ao rio (hoje café Branquinho), pertencente a Paulo dos Santos Capela, vitimado em 1918 pela peste bubónica. Esta farmácia acabou por ser vendida ao sr. Monteiro, passou depois para o dr. Alceu, mais tarde para o dr. Casanova, da Póvoa de Varzim, acabando por fechar.

Entretanto o farmacêutico Avelino da Costa Faria, da Póvoa, casa-se com uma fangueira e, possivelmente arrastado pela sua cara metade, veio para Fão, aí por 1911, onde se estabelece com uma farmácia — Farmácia Higiénica — no largo da Praça, onde o nosso



perfil de hoje acabou por se empregar. O poveiro Faria não se rendeu definitivamente a uma terra que pouco se desenvolvia e assim transferiu-se com armas e bagagens para a área da sua naturalidade, mais praticamente para a Praça do Almada, onde montou a ainda hoje bem acientelada Farmácia Faria. Em resultado desta mudança, Celestino Pires passou de empregado a dono. Volvidos anos abre um estabelecimento de fazendas na casa onde actualmente o Aníbal Cabeleireiro faz jus ao apelido que tem. Num tempo em que em Fão havia poucos rádios e se lia pouco o jornal, a Farmácia liderada por Celestino Pires

(Continua na pág. 2)



Para os amigos de O Novo Fangueiro desejamos Bom Natal e Feliz ano Novo

NO dia 27 de Novembro realizaram-se as eleições dos novos corpos gerentes da Santa Casa da Misericórdia de Fão. Segundo nos informaram, ficou substantivamente a mesma Direcção e dizemos substantivamente, pois poucos lugares mudaram de nome.

QUEM TEM UNHAS...

Os tempos que se avizinham vão pôr à prova a capacidade de gestão dos novos directores que afinal são quase os mesmos de há uns tempos a esta parte. Não restam dúvidas que o Hospital vem sendo regido com uma certa prudência mesclada, embora, com uma certa ousadia, simbiose que tem sido propiciada por uma conjuntura favorável: uma equipa cirúrgica que tinha à sua frente um chefe revestido de grande carisma, e um hospital concelhio cuja inépcia ou inércia só vinha pôr em destaque, pela positiva, o seu congénere de Fão.

Porém, e como se sabe, o dr. Queirós de Faria morreu e o Hospital de Esposende ressuscitou, novinho em folha, com vários serviços e valencias, e o desejo, fámos dizer, uma gana, de suplantar o hospital vizinho. Não se esqueça que foram anos seguidos de frustração.

Os dois estabelecimentos equivalem-se em termos de pártida: é verdade que o hospital de Esposende beneficia do facto de estar sediado na sede do concelho, o que é sempre uma posição de favor. O de Fão, por sua vez, traz em seu reforço o facto de ter sido um hospital de rectaguarda com óptimo desempenho. A ex-ministra Leonor Beleza rendeu-se a essa evidência.

E agora? Agora quem tiver unhas é que vai tocar guitarra.

PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 1)

reunia pela tarde uma tertúlia de amigos onde se comentavam as últimas, lia-se o jornal, escutava-se o rádio e até se jogavam as damas. Era uma alternativa ao Club Fãozense. Curioso que o saudoso P.e Job Teixeira foi por ventura o último abencerragem deste grupo da farmácia que frequentou praticamente até morrer. Anos mais tarde, a Farmácia Higiénica transmudou-se para a então Rua Conde de Castro, actualmente chamada R. Prof. Pio Rodrigues. Ainda lá está.

Com certo pendor para a escrita, colaborou numa revista, número único, com data de Agosto de 1929, da responsabilidade de João Amândio, Domingos Lopes da Costa e Guilherme de Oliveira. As gravuras eram de Celestino Pires e Domingos da Costa.

A vida do nosso biografado não se confinou obviamente à vertente socio-profissional. Foi um dos poucos habitantes fangueiros que cumpriu cargos públicos a nível do concelho. Exerceu, com efeito, as funções de administrador do concelho no tempo do P.e Sá Pereira e ainda as de vereador e vice-presidente da Câmara.

Quanto a cargos exercidos nas instituições fangueiras, não têm conta nem medida. Serviu no Hospital durante vários anos. Exerceu os cargos de tesoureiro nos Bombeiros e de secretário na Irmandade do Bom Jesus. O seu nome figura ainda como fundador do Clube dos Grulhas.

Na Junta de Freguesia podemos dizer que levou uma vida bastante agitada.

De 2 de Janeiro de 1923 a 1925 foi vice-Presidente da Junta de Fão. A 2 de Janeiro de 1926 é o único elemento da Junta a fazer a entrega (do poder) aos novos membros da autarquia. A 22 de Julho deste mesmo ano, é nomeado vogal suplente de uma Comissão Administrativa que chegou a reunir-se e tomar posse perante o Regedor. A posse no entanto foi anulada porque o Governador Civil, por alvará de 12-8-1926, nomeou outra Comissão Administrativa que ocupou as funções a 24-8-1926 da qual faz parte como membro substituto. Esta Comissão é substituída por uma outra onde o seu nome já não aparece. Tempos de turbulência!...

A 13-2-1930 foi nomeado para a nova Comissão Administrativa da Junta, substituindo Júlio da Silva Vilachã que detinha o pelouro do cemitério. Em 3-8-1931 propõe a compra da casa de Laurentina Correia da Costa para alargar o mercado e foi ainda neste triénio, sob a presidência de Domingos Reis, que se construiu o alpendre e o pavilhão para o talho.

Quere-nos parecer que após ter exercido funções na vida concelhia, acabou por se fixar mais em casa a contas com uma bronquite crónica que lhe serviu de pretexto para renunciar à vida agitada que durante anos levou. Já tinha cumprido e bem os deveres de cidadão para com a terra que o acolheu.

As Igrejas de Fão

No sábado, dia 2 de Dezembro, o dr. Penteadó Neiva proferiu uma palestra, no salão paroquial, que teve por tema «As Igrejas de Fão».

Sem dúvida que foi uma reunião com muito interesse.



Os participantes de uma pantagruélica feijoada

EM INGLATERRA

O nosso jornal, o simpático «O Novo Fangueiro», é expedido para todo o mundo e os seus responsáveis gozam de mundial simpatia.

Ainda há dias o Director e a Administradora estiveram em Londres e foram recebidos com mostras de muita consideração pela *bigt society* londrina.

Numa fotografia pode ver-se o Director de «O Novo Fangueiro» convivendo ao lado do 1.º Ministro inglês John Major. Na outra foto o casal Saraiva confraterniza muito displiscentemente com o famoso actor francês Gerard Depardieu.

Só que, só que... isto aconteceu na casa de Madame Toussaud...



DE ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

HÁ 45 ANOS... I QUILOMETRO DE ARRANQUE E LANÇADO DE ESPOSENDE

Ainda o automóvel usava bibe e calções e já as grandes provas atraíam a mocidade da época, Setembro de 1949. Era, também, o desportar do turismo e do luxo, da promoção balnear.

O Hotel Suave Mar, em fase de lançamento, teve como gerente um experimentado profissional: Álvaro Jardim. E foi ele quem organizou a primeira prova automobilística de âmbito nacional, capaz de provocar o maior impacto entre forasteiros e potenciais turistas. O I Quilómetro de Arranque e Lançado de Esposende poderia ser (e foi), o melhor cartaz desta zona.

A imprensa local da época, em Esposende, era representada pelo semanário «O Cávado», sendo proprietário e Director, o Dr. Bernardino Amândio que, dentro da linha editorial legada por João Amândio, deu bastante apoio e divulgação à prova, na boa intenção de apregoar Esposende.

Lançar uma prova automobilística da envergadura do I Quilómetro de Arranque e Lançado, pareceu-nos pelo noticiário, não ser vulgar, nem fácil. Contudo, o Automóvel Clube de Portugal, Câmara Municipal de Esposende, Governador Civil de Braga, Hotel Suave Mar e o semanário «O Cávado» abalancaram-se no projecto.

Os elementos base da organização da prova vieram a ser publicados na edição de 11 de Setembro de 1949, com distribuição ao domingo e, ficamos a saber que os concorrentes foram distribuídos por seis grupos, desde os 500 c.c. até os de 8000/C.C., com um regulamento simples e a organização técnica a cargo do Automóvel Clube de Portugal. A Comissão organizadora foi constituída por: António Santos da Cunha, Vasco Sameiro, Roberto Sameiro, Daniel Constant, Alberto Taxa Faria Freitas e Álvaro Jardim.

A recta de Marinhas, asfaltada, bem cuidada, foi o local apropriado, onde se disputou tão importante prova automobilística nacional.

Os resultados, podemos afirmar, foram espectaculares. A média atingida foi de 147,5 km hora, um feito em velocidade, só recentemente ultrapassado. E a classificação final absoluta: 1.º - Clemente Menéres, em Ford; 2.º - Manuel de Oliveira, em Ford; 3.º - Hamy Rogeroni, em Jaguar; 4.º - Ernesto Martorell, em Jaguar; 5.º - Álvaro Arnaut, em Ford; 6.º - Fernando S. Silva, em Buick; 7.º - Martinho Lacastra Jorge Seixas, em Alard; 8.º - José Emílio Silva Jr., em Hothkiss; 9.º - Zacarias Peixoto, em Delahayne; 10.º - Elísio de Melo, em Delahyne. As duas únicas senhoras participantes, Rosa Mateus Gonzalez e Laura Magalhães, receberam prémios especiais.

No hotel Suave Mar, no decorrer do jantar de gala, procedeu-se à distribuição dos prémios, com discursos de circunstância, com a presença dos Governadores Cívicos de Braga e do Porto, além de altas individualidades ligadas à política e ao desporto.

JOSÉ FARIA, CAMPEÃO NACIONAL DE RALIS — INICIADOS

Na prova disputada em Abrantes, em terra batida, José Faria, o conhecido industrial de automóveis de Esposende, piloto de ralie,

a disputar o campeonato nacional na categoria de iniciados, época de 1994, encontra-se bem posicionado para a conquista do título nacional, depois de espectacular resultado.

A pilotar o Opel Astra GSI, em 5 de Novembro passado, não deu hipóteses aos seus directos opositores, nem aos restantes concorrentes.

Prova difícil, dado que se tratava de itinerário com piso bem diferente, de avenidas, obteve bons resultados.

Neste momento do campeonato, o piloto esposendense e seu navegador, o forjanense Victor Quintão, estão bem colocados e se, nas duas restantes provas, vencer uma delas, tem garantido o título nacional.

Assim, dos resultados obtidos nas duas provas seguintes, José Faria devido aos azares sofridos, classificou-se em 5.º lugar, o bastante, no entanto, para ser proclamado campeão nacional de raly's, iniciados, época de 1994.

De frisar, também, que na última prova do calendário, disputada em Murça, o campeão não compareceu à partida. Soubese, que houve uma avaria e a substituição de peças não chegou a fazer-se, e as suplentes não chegaram a tempo de montagem, para disputa da prova.

Felicitemos o novo campeão nacional de raly's, iniciados, José Faria e o seu navegador Quintão, dois bons desportistas de Esposende.

ESCOLAS DE ENSINO BÁSICO

As futuras instalações das Escolas de Ensino Básico de Esposende, com a inauguração da Escola Preparatória António Correia de Oliveira, passam para o extinto colégio Infante de Sagres, com total aproveitamento do corpo principal do actual edifício.

Segundo informações recolhidas, as instalações agora abandonadas, vão passar por obras de adaptação, possibilitando melhores condições de ensino, prevenindo-se que venham a funcionar a partir da próxima época.

Entretanto, as Escolas Rodrigues Sampaio serão adaptadas a Escola de Artes: Música, Ballet, Artes plásticas, cumprindo-se o Plano estabelecido, na matéria, neste mandato municipal.

COBRADOR MORTO POR ACIDENTE DE VIAÇÃO

No dia 30 de Novembro findo, na Marginal de Esposende, um acidente de viação mata trabalhador da empresa proprietário do veículo pesado, em circunstâncias bem estúpidas.

Cerca das 19.30 h, Manuel Magalhães da Cruz, solteiro, 49 anos, cobrador de bilheteira, natural e residente em Fão, também conhecido pelo Manel da Minada, foi atropelado pelo autocarro da carreira Linhares, Braga/Esposende/Forjães e que lhe causou a morte.

Segundo versão provável do acidente, o Manuel Cruz, já em final de horário de trabalho, atravessava a marginal, junto ao estaleiro velho, como habitualmente o faziam, a fim de recolher as encomendas transportadas pela carreira de Braga. Nesse momento, no sentido norte/sul, circulava o autocarro conduzido pelo motorista da empresa Linhares, conhecido por FIRO, e que seguiria a Fão, que inesperadamente foi embater no carrinho de mão empurrado pelo Manuel.

Embora o choque tenha aparência de ligeiro — pelo amolgado do carrinho — o certo

é que a vítima foi lançada a curta distância do local de embate, mas o suficiente para sofrer graves ferimentos na cabeça.

Conduzido ao Hospital S. João, pelos B. V. de Esposende, o infeliz cobrador não resistiu aos ferimentos e acabou por falecer.

O funeral realizou-se dois dias depois, do Senhor Bom Jesus para o cemitério paroquial, com manifestações de muito pesar pelo infausto acontecimento.

Apresentamos os nossos sentimentos à família enlutada.

NÃO, A 3.º MANDATO

Na sequência dos temas abordados com o Presidente da edilidade, Alberto Figueiredo disse, quanto à sua indisponibilidade para um 3.º mandato, anunciado nas comemorações da Cidade e do Foral, que: «É um dado adquirido e que assumo inteiramente... Esposende, hoje, tem uma boa imagem! Esposende, hoje, é conhecido como um bom concelho, onde vale a pena apostar.»

Ora, na justificação apresentada, o autarca referiu, ainda: «Reconheço que há ainda muito a fazer.»

De facto, as negociações do II Quadro de apoio Comunitário, outras destinadas a financiar e a cumprir Planos e, por outro lado, nesta fase quando «é necessário saber como se resolvem os problemas da Câmara», admitimos que seria negativo abandonar o cargo e, «colocar à sua frente um vereador ou um novo presidente».

Nesta perspectiva, ao que se apurou no decorrer da conversa, Alberto Figueiredo tenciona deixar a gestão/administrativa da autarquia em marcha e sem preocupações para o presidente do futuro. «Já é este o momento de cuidar das minhas empresas...»

HISTÓRIA DO ENCANAMENTO DO RIO CÁVADO E DO LIMA E PORTOS DE MAR, EM LIVRO

A história do empreendimento e obras de canalização dos rios Cávado e Lima, nos séculos XVIII e XIX, respectivamente, em 1895 e 1805, relacionado com o Eng.º Custódio José Vilas Boas, consta em livro da autoria do Dr. José Bernardino Amândio.

Depois do lançamento, em Viana do Castelo, da obra «O Engenheiro Custódio José de Vilas Boas e os portos de mar de Esposende, em 1895 e Viana em 1805», em que são invocados os argumentos técnicos e a justificação da obra, com o apoio de dados de âmbito sócio-económico das referidas localidades minhotas, coube a vez a Esposende de proceder ao lançamento do livro.

Abriu a sessão, o Dr. José Gonçalves da Costa, seguindo-se o Dr. Mário da Ponte, Secretário-geral da Associação de «Amigos do Mar» que alertou para o «divórcio» da Cidade onde nasceu esta Associação, apesar das acções desenvolvidas em defesa do Mar, entre outras actividades, que dispõe de núcleos em Ponte de Lima; VN de Cerveira, VN de Famação, Arcos de Valdevez, Porto, além de Esposende e Viana do Castelo.

O comentário crítico à obra em lançamento, que ocorreu na Estalagem Zende, esteve a cargo do Dr. Rui Faria Viana, Director da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo. Referiu os dados biográficos do autor, dizendo a certo passo da sua bem elaborada exposição: «A ignorância ou o desprezo do passado, corresponde à tentativa obscura e perigosa de anular a posição anterior ou de querer negar o real. Mas, muito do que foi o passado de

DE ESPOSENDE

(Cont. da pág. 3)

Esposende e de Viana é-nos trazida pelo Dr. Bernardino Amândio, ao longo das cerca de 190 páginas deste livro, revelando-nos vários acontecimentos associados às obras de encanamento dos rios Cávado e Lima». E, percorrendo a estrutura da obra, de capítulo a capítulo, elogiou o esforço e a minuciosa pesquisa dos documentos, alguns deles, «preciosidades pelo inédito», de bastante interesse histórico.

No final da exposição, o Dr. Bernardino Amândio evocou a figura do Dr. Alexandre Henrique Torres, o advogado e o político do princípio do século, «que se devotou no passado, longamente, à história de Esposende e onde vou colher muitos dados para encontrar a ligação entre peças que não me parecem sequentes.» Recordou, também, figuras gratas e de colaboradores de «O Cávado» e prometeu mais histórias sobre Esposende, desta vez em capítulos, incluindo os fachos da borda do mar, entre Caminha e Vila do Conde.

Devido ao interesse histórico do livro, recomendamos a sua leitura atenta.

A capa do opúsculo, reprodução de aguarelas de Hans Korber, representa um trecho do rio Cávado e o forte da barra.

BANDEIRA VERDE — CIDADE LIMPA

Vai sendo habitual, todos os anos, a classificação de localidades urbanas quanto à higiene, salubridade e, bem assim, ao asseio, no País.

O Ministério do Ambiente, face à classificação, atribui o prémio de Bandeira Verde, sinónimo de cidade limpa. Esposende foi contemplada, de parceria com Ponte de Lima, entre 18 localidades seleccionadas.

Convém referir a colaboração das populações e, também, o propósito de se manter a limpeza e alindamento das localidades, caso de Esposende.

REGIMENTO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL, EM DISCUSSÃO MORNIA

No dia 28 de Novembro findo, reuniu em sessão extraordinária, a Assembleia Municipal, para discussão e votação do seu novo regimento, para substituição do anterior, em vigor desde há cinco anos e que provou algumas divergências entre os deputados da maioria, com interrupções que indiciam «lição mal estudada».

Na agenda dos trabalhos, a rectificação e aprovação das condições de concessão de exploração dos bares, do Auditório Municipal e dusassea piscina de Forjães, além da assinatura de protocolo de alienação de parcela de terreno, em Apúlia, destinado à construção de Habitação Social.

A sessão da manhã, entretanto, foi um desperdício pelas várias interrupções, devido à falta de documentação considerada imprescindível na discussão das propostas, que viriam a ser aprovadas por maioria. Mas, o ponto considerado relevante seria o projecto de Regime da Assembleia Municipal, para substituição do anterior, já ultrapassado e demasiado extenso.

A maioria PPD/PSD, através do Dr. Maranhão Peixoto, fez a apresentação da proposta e justificou o documento base da discussão, tendo, simultaneamente, feito propostas de alteração ao projecto, o que levou a oposição a «refilar» pois, antes do conhecimento público do projecto já havia alterações. O facto, como é evidente, proporcionou algumas críticas, revelando-se que a formação proponente não trazia a lição estudada. Aliás, a situação provocou algumas interrupções a fim de o PS e o CDS/PP usarem do direito de apresentação das suas propostas de alteração.

Aprovada a metodologia a seguir na discussão e votação do projecto, a Assembleia aprovou o do-

cumento na generalidade, sendo suspensa a reunião para retomar os trabalhos no período da tarde.

No decorrer da discussão, na especialidade, foram evidentes as divergências entre os deputados da maioria, com dificuldades na destriça entre a matéria de índole política e a de âmbito jurídico-administrativo. Daí a morosidade no avanço da votação, em discussão morna, mais de forma no articulado que de fundo, na globalidade da proposta.

A reunião foi suspensa ao fim da tarde e transferida para a semana seguinte, estando aprovados cerca de 50% dos 38 artigos, divididos em 5 capítulos.

PAVILHÕES DESPORTIVOS ÀS ESCOLAS

As Escolas dos principais aglomerados populacionais do concelho vão ser dotados com instalações desportivas, com assinatura dos respectivos contrato-programas, homologados no acto, pelo Secretário de Estado da Educação e Desporto.

Na visita de trabalho efectuada ao concelho de Esposende, em 21 de Novembro findo, o Dr. Castro e Almeida presidiu ao acto de inauguração das novas instalações da Escola Preparatória António Correia de Oliveira, obra de custo aproximado de 470 mil contos, incluindo a recuperação do pavilhão gimno-desportivo e a construção de novo edifício destinado à creche-jardim de infância, para 100 crianças.

O Secretário de Estado da Educação, acompanhado do Governador Civil de Braga, Director Regional de Educação Norte, Delegado do Instituto do Desporto, prof. Valdemar Araújo, Presidente da Câmara Municipal de Esposende, técnicos e professores ligados ao Ministério da Educação, iniciaram a visita ao concelho em Apúlia, Escola C + S, onde se procedeu à assinatura do contrato-programa de construção do pavilhão gimno-desportivo; em Esposende, foi igualmente assinado contrato-programa para a construção do pavilhão gimno-desportivo, elevando para 44 mil contos a participação do Estado; em Marinhãs, para além da entrega de 1500 contos, foi assinado contrato-programa, com vista à aquisição da carrinha de apoio ao F.C. Marinhãs; em Forjães, o Secretário de Estado da Educação inteirou-se do resultado da experiência do Ensino Integrado e do estado de conservação do pavilhão gimno-desportivo, e das obras a efectuar, com visita à piscina anexa.

O total do investimento das obras, no valor de 750 mil contos, contempla vasta área do concelho de Esposende, numa cobertura bastante apreciável.

O SANTO NATAL DE ESPOSENDE

Naquela manhã fria de ante-véspera de Natal, já lá vão 50 anos bem medidos, como todas as manhãs de Inverno de fazer gelar o sangue e ressequir os ossos, aguardava-se a chegada da camioneta do Linhares, vinda do Porto.

O relógio da Câmara, (nessa época funcionava de modo impecável) com o sino cheio de verdete, os algarismos do mostrador e os ponteiros desbotados por acção do tempo, bateu em ritmo cadenciado, dez fortes badaladas.

A camioneta, era bom de ver, vinha atrasada. Era o habitual movimento da época de Natal, o que provocava um certo nervosismo entre os pacíficos expectantes.

A petizada, enquanto aguardava a carreira, rodopiava por entre os bancos carcomidos e ferrugentos ou, em cambalhotas por cima da relva raquítica do jardim municipal, ali, junto do teatro e das Finanças, em frente ao café da D. Consuelo (às moscas). Os adultos, neste compasso de espera, encostados à sacristia da Misericórdia, discutiam em tom coscuvilheiro as futilidades do dia anterior.

Bastava, no entanto, a grande alegria dos que familiares vindos de longe e que se juntavam neste

período natalício, para mitigarem as saudades dum ano de ausência, para que o Natal de Esposende, fosse um bom Natal.

Em nossa casa não se fugia à regra, nem à tradição. É que minha avó, que Deus haja em santa paz etérea, consoava com a família, uma vez no ano, junto da filha e dos netos, entre velhas e boas amizades de tempos idos (talvez os mais felizes). Mantinha, por isso, também, grande fé religiosa que lhe fora transmitida pelos avoengos. Aliviava-se para todo o resto do ano seguinte.

Entretanto chegaram três camionetas a abarrotar de gente, empilhadas que nem batatas em sacos, e amarrotados dos solavancos de veículos ronceiros, a pedir reforma.

O mar de gente, reunida no jardim, provocou tremenda algazarra com as manifestações de alegria, mais parecendo as actuais marchas de protesto contra o Governo.

A tradição, fortemente enraizada no espírito da nossa gente, fez a lei, obrigando ao cumprimento de todos os rituais da época natalícia, tudo em boa paz e harmonia como é próprio das terras provincianas.

Foi então que, logo após a chegada, a minha Avó, mal poisou a cesta de vime encarnado e a bolsa de renda com os teres e haveres, mais os segredos de anos acumulados, dirigiu-se à igreja matriz para ver o Menino Jesus, o senhor Arcipreste (o mais santo dos padres que jamais conheceu, segundo dizia), e, enfim, para fazer as habituais orações frente ao Santíssimo.

Era costume, também, o neto fazer companhia, na mira das moedas de cobre e de um pião novo de buxo envernizado.

Nesse fim de manhã, porém, a igreja estava vazia. Apenas o altar improvisado para o Menino Jesus ao lado de Santo António e, também por baixo do órgão e das carrancas medonhas, (com que sempre me assustaram para evitar o «inferno a arder») alguém preparava o presépio, sob o olhar austero da D. Efigénia.

À tarde foi à novena do Menino Jesus, onde a Avó se emboecia com a participação das crianças que em coro, (nem sempre afinado) entoavam «Ó Infante suavíssimo...» e, «por quem suspiramos...». Tudo muito enternecedor, mas não se calhava lá muito bem com o Piriri, o sacristão. Porquê?

Contou a minha Avó.

Certo dia, intrigada, perguntou a razão de lhe chamarem Piriri. Em resposta, ouviu tantas blasfémias que, de certeza, foi direitinho para o inferno a arder. Pudera!

À parte este episódio, cujo negrume lhe ficou na alma durante alguns anos, admirava o Natal de Esposende. Pelo respeito, pela devoção de grandes e pequenos, pela ceia bem preparada, pela amizade entre as gentes.

Nesse ano, todavia, a melhor recordação seria dada pelo milagre que perdurou na memória alguns tempos quando afirmou convicta que, na tarde do dia de ceia de Natal, o Menino Jesus, lá do altar junto a Santo António, «acenou com o seu bracito benedicto, mexendo-se na peanha».

Nada convenceu a minha Avó do contrário. Fora verdade, afirmava convicta e peremptória, tal a devoção e o fervor religioso.

Veio a saber-se mais tarde que fora uma partida do Piriri, para convencer a retardatária visitante a retirar, pois já eram horas de fechar a igreja.

E o sacristão, com o estratagemas, conseguiu os seus intentos, apesar da mentira piedosa, fazendo crer que o Menino Jesus recebera todas as suas preces, que era chegado o momento de terminar as orações.

Naquele dia, feliz e contente pelo suposto gosto do Menino Jesus, é de crer, para a minha Avó fora o Natal mais Santo de Esposende.

ARTUR COSTA

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! As férias já estão à porta! Esperamos que os resultados escolares sejam favoráveis e que o Natal seja vivido em Saúde, paz e Alegria, e ainda que o Novo Ano seja para todos os ano mesmo bom!

A VITÓRIA DO TONINHO

Por **ALTAMIRO MARQUES**

(Continuação)

E seria ainda uma pena porque era atravessado por um ribeiro muito lindo, cheio de «peixorcas», rãs e plantas que se agitavam, com a corrente, formando cabeleiras... E o ribeiro ficaria também estragado com o lixo que a fábrica deitasse...

O Toninho ficou então muito aflito, pois na estrada, junto à agra, até já estavam umas máquinas, muito grandes e amarelas, prontas para a arrazarem. O Toninho perguntou então à professora e em relação à sua aldeia, quem é que tratava do ordenamento, ao que esta respondeu que era um assunto que pertencia à Câmara Municipal.

No regresso a casa, o Toninho pensou e repensou e tomou uma firme decisão. Como não tinha aulas no dia seguinte e a sua mãe ía à vila, por causa da feira, iria com ela e contaria à Câmara o seu problema. E assim foi; chegados à vila, disse à mãe que ía dar uma volta e... zás!... foi direitinho à Câmara Municipal onde, depois de esperar mais de uma hora, foi atendido por um senhor muito simpático, chamado vereador, que escutou tudo com muita atenção e lhe disse que ía apresentar o caso ao senhor Presidente e que o campo não seria arrazado, se o Toninho tivesse razão.

O Toninho ficou radiante e quando chegou à aldeia contou tudo ao pai e aos amigos. O pai ficou zangado, porque disse que não queria ter problemas com o vizinho; contudo, a acção do Toninho chegou aos ouvidos de toda a aldeia, ao ponto das máquinas continuarem paradas...

(Continua)



Desenho de MARÍLIA

PAUSA PARA SORRIR

Um menino pergunta ao pai porque é que a girafa tem o pescoço tão comprido.

O pai, que após a visita ao jardim zoológico se tinha sentado confortavelmente no seu maple a ler o jornal, responde distraidamente:

— «Então não vês que, estando a cabeça tão longe do corpo, era preciso um pescoço assim comprido para fazer a ligação?»

★

Dois cegos pedem esmola à porta de uma igreja. A certa altura, uma senhora dá esmola só a um deles.

Admirado, o outro cego pergunta ao «colega»:

— «Conheces esta senhora?»

Responde o outro:

— «Só de vista»...

A CAMINHADA

*Nessa mata ninguém mata
a pata que vive ali,
com duas patas de pata,
pata acolá, pata aqui.*

*Pata que gosta de matas
visita as matas vizinhas,
com as suas duas patas
seguidas de dez patinhas.*

*E cada patinha tem,
como a pata lá da mata,
duas patinhas também
que são patinhas de pata.*

Sidónio Muralha,
in «VOA, PÁSSARO, VOA»

MORAR O MUNDO

Viver

*É como um sonho sem sono.
É como um cão a latir
Sem sentimento
Perante a razão
Do não-existir.*

*Morar o Mundo
Já não são os dias
Do desconhecido calendário
Por que outrora
Alguém chorara.*

*Pano de vento cru
Por em nada poder amanhecer
Seu riacho de luz avermelhada.
Por em nada poder tocar.*

*Triste ambição
Daquela rocha que chora!*

Triste ambição — sem alma.

José Maria Valle

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

DE APÚLIA

INTERESSANTE — O «caso» Apúlia e as suas «barracas», tem dado motivo a nuances e revelações interessantes, e nem sempre coerentes. Basta comparar as notícias da imprensa de há alguns anos com o que se escreve agora. Nota-se, facilmente, a alteração de propósitos, de atitudes, e até de estratégia, o que poderá significar que os responsáveis não estavam (ou não estão) muito seguros ou muito certos do que pretendem.

O assunto é, de facto, muito complexo e muito melindroso, porque vai mexer com gente muito carenciada e com gente muito importante.

Talvez daí os avanços e recuos, os passos em frente e os passos atrás. Por pressões? — Por melhor conhecimento da situação? — Por questões de estratégia? — Pelo maior respeito pelos que lá vivem e fazem daquelas barracas a sua primeira e única habitação? — Ou pelos consequentes problemas que se adivinham?

A ordem de perguntas se é longa, não é menos importante. E este tempo de espera talvez tenha sido bom para alterar alguns juízos feitos, algumas ideias velhas, e até algumas directivas.

Se a lógica for respeitada, a «limpeza» vai começar pela praia de «Couve», e só depois se avançará para «Cedovém» e «Pedrinhas». No primeiro e último caso, os problemas vão ser essencialmente de ordem material, já que, excepção feita a um ou outro caso, ninguém mais lá tem a sua primeira habitação. Em «Cedovém» existe ainda o caso moral, já que ali habitam umas dezenas de famílias, e algumas em habi-

tações devidamente legalizadas.

Mas o caso de «Cedovém» ainda é mais complexo se, como seria elementar, não se preservar algum daquele património secular, que são aquelas, poucas, barracas em forma de barco que ali existem.

E, sobretudo, se o alojamento das famílias deslocadas for feito, como se diz, logo do outro lado da estrada.

Se se pretende efectivamente limpar aquela zona, o alojamento daquelas famílias naquele lugar não vai ajudar nada. Será apenas mudar uma coisa que se diz degradante, do lado do mar para o lado da terra da estrada, onde, dentro de alguns anos, a mesma degradação voltará.

CAPELA DA SENHORA DA CARIDADE — As obras de restauro da Capela da Senhora da Caridade, que se situa na Rua da Igreja, próxima da residência paroquial, a pouco mais de 100 metros da Igreja Matriz, já foram concluídas. Os telhados, as paredes interiores e exteriores, os tectos e os soalhos, ou são novos, ou foram restaurados.

O seu aspecto, agora, é de segurança e de conforto.

Como já havíamos referido, essa Capela, que estava desde há muito abandonada ao culto, vai servir de Capela Mortuária, uma medida a todos os títulos importante, para uma terra como Apúlia, que se vai civilizando, mais por força das circunstâncias do que pela vontade cultural dos homens.

FUTEBOL — Em séniores, o Apúlia continua na sua recuperação, lenta, mas segura.

Com a vitória do último domingo sobre a for-

te equipa do Celeirós por 2-1, e a entrada do novo técnico, Professor Fernando Costa, que treinou o Apúlia a época passada com os bons resultados que se conhecem, pode ter começado, de facto, a tão ansiada recuperação.

Depois desta jornada, a 10.ª, o Apúlia ainda continua nos últimos lugares, mas a poucos pontos do oitavo classificado.

Como o próximo desafio é novamente em Apúlia, com o Lagense, equipa que ocupa o 10.º lugar com 9 pontos, mais 3 do que o Apúlia, uma possível vitória colocaria o nosso representante muito próximo do meio da tabela, e já afastado dos lugares da despromoção.

VISITA PASTORAL — Depois de Antas, Curvos e Belinho, foi Apúlia a quarta freguesia do Arciprestado de Esposende a receber a Visita Pastoral.

O dia 13 de Novembro foi dia grande e festivo para os apulienses. A Rua da Igreja, por onde passou o representante do Prelado da Diocese, foi alindada com ramos de palmeira de ambos os lados e com tapetes de verdes e flores. E a Igreja vestiu o seu melhor para receber condignamente o Senhor D. Carlos Pinheiro, Bispo Auxiliar.

As cerimónias religiosas, com a presença daquela ilustre figura da Igreja Bracarense, foram acompanhadas e participadas por quase toda a população.

DO CANADÁ — Vindos do Canadá, onde têm uma vida profissional estável, estão entre nós, os apulienses — MANUEL MOREIRA LOPES TOMÉ, e Esposa D. IDALINA LOPES DIAS HIPÓLITO, e ALCINDO ALMEIDA DIAS DOS SANTOS.

Com pouco tempo de estadia entre nós, já deu para «matar» saudades e tratar de alguns assuntos de foro meramente pessoal.

Com a renovação do nosso abraço, o desejo de que voltem breve e com mais tempo para os amigos.

GAIVOTA — É o nome de uma ave, grande, mansa e linda. E vai passar a ser muito falada em Apúlia. Não por isso, mas por que o seu nome foi o escolhido para identificar a ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO AMBIENTE DA VILA DE APÚLIA, recentemente criada por alguns jovens apulienses. Gaivota, um nome sugestivo, e ASSOCIAÇÃO, uma criação importante. A Escritura pública dos seus Estatutos, vai ser efectuada no dia 7 de Dezembro no Cartório Notarial de Esposende, acto que lhe conferirá personalidade Jurídica.

São sócios fundadores, Manuel da Silva Martins, Eduardo Moreira de Melo, Manuel Devesa Alves Ribeiro, Francisco Sérgio Duarte Barbosa, Engenheira Maria Alice Veloso Alves Ribeiro, Zacarias Alves Ribeiro, Clemente Lourenço Palmeiro, Adelino Torres Ribeiro, António da Silva Martins, Manuel Cândido Veloso Ribeiro, Adriano Ribeiro da Silva, Firmino Fernandes Dias, Carlos Rodrigues Moreira, João Carlos Cardoso Pereira da Fonseca, Dr. António Alberto Correia Mota Prego de Faria, Joaquim Ilídio Ribeiro da Silva, Avelino António Santos Graça e Porfírio do Norte Eiras Hipólito.

NATAL À PORTA — Quando este jornal chegar às mãos dos seus assinantes ou leitores, já estaremos próximos da quadra festiva do Natal deste ano, o grande dia para o reencontro das famílias.

Os problemas de ordem temporal que afligem uma boa parte das famílias, nessa quadra, ou são esquecidos ou ignorados, para dar lugar ao calor humano, à alegria e à abundância.

Natal, é uma força interior que não se vê, que não tem forma nem corpo. Mas que se sente, que tem alma.

Para todos os que fazem este Jornal, para os seus leitores, e particularmente para todos os apulienses, desejámos um BOM e FELIZ NATAL.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade

"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

PONTE DE FÃO: UM BICO DE OBRA

Há uns anos atrás, o grande tormento para quem circulava de automóvel na estrada Porto-Viana era atravessar a ponte sobre o Ave, em Vila do Conde. Depois de muitos protestos escritos e arrelia — ainda não se tinha descoberto o «buziã» — a ponte e a fluidez do tráfego foi recuperada, ficou des congestionada.

Só que, passados tempos, um outro nó górdio surgiu, mais adiante, precisamente na ponte de Fão, sobre o rio Cávado. O mais engraçado — se é que nestas coisas há graça — é que a compressão do trânsito não acontece apenas em domingos de Verão mas em todos os dias da semana, mesmo no Inverno. E porquê? Devido ao tamanho dos camiões TIR. Trata-se, em regra, de veículos longos com largura acrescentada e cujo número ultimamente duplicou ou triplicou.

Os motoristas mais prudentes, antes de entrarem na ponte, verificam se, em sentido contrário, roda algum veículo pesado. Em caso afirmativo, páram e não penetram no gradeado sem que o seu «rival» os tenha passado. Esta espera atrasa o normal andamento dos carros. Se se trata de um condutor apressado e impetuoso, os camiões encontram-se — íamos dizer «chocam-se» — no meio da ponte; depois, é o cabo dos trabalhos para se ultrapassarem sem toques. Entretanto, os outros transeuntes esperam e desesperam. E as filas prolongam-se indefinidamente.

Os engarrafamentos na ponte de Fão aconteciam, até há pouco, sobretudo aos domingos, provocados em grande parte pelo desembocar dos automóveis, provenientes da praia de Ofir, na estrada nacional. Pelos motivos que acima relatámos, estas desesperantes esperas acontecem agora com certa frequência em dias de semana.

Já estamos a ouvir o leitor perguntar: «Mas não fizeram uma nova ponte a sul na Vila de Fão?». Fizeram, sim senhor. E já está pronta. Só que não se fizeram os devidos acessos.

Com a nova ponte em fase de acabamento, surgiram dúvidas aos responsáveis sobre

como deviam ser as novas ligações entre o Porto e Viana. Optaram por uma dupla via, se não em todo o trajecto, pelo mesmo em algumas fases do itinerário. Por isso, a juzante da nova ponte e muito perto dela, começou a construir-se uma outra. Tudo sem grande aceleração. Tudo «au ralenti», tanto as obras como os novos estudos. Está tudo à espera que a próxima fase das eleições legislativas faça o milagre de acelerar o trabalho. Entretanto, os motoristas que percorrem a estrada que liga o Porto a Viana sofrem que se fartam e, pelos vistos, muito mais terão que sofrer.

in Jornal de Notícias

FALECIMENTO

Já com este jornal praticamente composto, fomos surpreendidos pela notícia da morte repentina do nosso querido amigo Armindo Duarte, em Penafiel.

No próximo número daremos notícia mais circunstanciada.

COLÓQUIO

A Cooperativa Cultural de Fão leva a efeito, no Centro Cultural, no dia 23 do corrente, pelas 21.30 horas, um colóquio cujo tema é a «Benemerência em Fão».

Espera-se dos fangueiros uma adesão maciça de assistentes, como aliás vem sendo timbre na nossa terra. A gente de Fão interessa-se pela cultura.

**Se és bairrista utiliza o banco local
Se és bairrista usa o Correio da terra
Se és bairrista faz as compras em Fão**

ELEIÇÕES NO HOSPITAL

No domingo, dia 27 de Novembro, realizaram-se as eleições dos novos corpos gerentes da Santa Casa da Misericórdia para o triénio 95/97, cuja lista ficou assim constituída:

ASSEMBLERIA GERAL

Efectivos — *Presidente* - Carlos Rodrigues Palma Rio; *1.º Secretário* - Adelino Carvalho do Vale (Eng.); *2.º Secretário* - Francisco Faria de Moraes; *Suplentes* - Albino Pedrosa Campos (Dr.), Anselmo Nunes Roque, Maria de Fátima Costa Figueiredo.

CONSELHO FISCAL

Efectivos: *Presidente* - Manuel Faria Sozinho; José Lobarinhas Garrido (Eng.); Emídio Real de Moraes. *Suplentes:* José Azevedo Linhares; José Valdemar Silva Faria; António da Fonte Gaifém.

MESA ADMINISTRATIVA

Provedor - Celestino Cubelo Moraes; *Vice-Provedor* - Valdemiro Lopes Cardoso; *Secretário* - Joaquim Monteiro de Oliveira Neves; *Tesoureiro* - Norberto Manuel Pereira da Silva Mota; *Vogais:* Adelino Campos Monteiro, José Armindo Machado Andrade e Adelino Gomes Fonseca Saraiva; *Suplentes:* Carlos Manuel Cardoso Silva Arantes, Maria Angelina Pereira da Silva Mota Real Moraes e José António Carlos Carvalho.

REGRESSO VEDADO

*Com franjas e duas tranças,
Madelxa à minba maneira,
De olhos verdes e trigueiras...
Corpo leve para danças!
Muito encerras de ilusão
E não bastas, linda imagem:
De criança, quero a aragem
Desse infantil coração!...
— De canções enche o ar
Eu em coro com as fontes;
Descer vales, subir montes...
E o coração a voar!...*

*De dar toda a minba berança,
Nem que para tal tivesse,
Quem me dera que pudesse...
Voltar boje a ser criança.*

FLORINDA ALMEIDA

REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

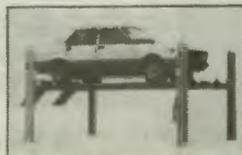
ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUMNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUMNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 — 60 63 748 — FAX 68 73 86
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1683 — TEL. 759 72 04 — FAX 759 72 06

PIZARIA ONE WAY

A Pizzeria One Way, sediada em Esposende, mudou de propriedade e passou a ter nova gerência.

Com efeito, o único gerente deste estabelecimento é o nosso conterrâneo, Artur António Pereira Saraiva.

Desejamos ao jovem empresário fangueiro os maiores êxitos.

«FÃO INVICTO»

Memória de um crime, um dia, em Fão...

Tendo já muito escutado alguns murmurares da história, tenho sentido muita curiosidade em saber como ocorreu o assassinato de um dos guardas da G.N.R. em Fão há 72 anos.

Porém, ao ler o jornal «O Espozendense» — do tempo — surpreendi-me com alguns apontamentos sobre o caso.

E tudo se passou da seguinte forma:

— Pela meia noite de 26 de Agosto de 1922 (entre Sábado e Domingo), foram agredidos à navalhada dois guardas republicanos — do Sub-posto desta freguesia — que se encontravam em serviço de policiamento nas proximidades do local da **Senhora da Bonança**, onde se efectuara um pequeno arrabal.

Um foi morto — era o guarda n.º 148 (Joaquim José do Vale) — apunhalado com profundos golpes no pescoço. Houve engano, pois quem eles pretendiam eliminar era o 2.º Cabo — Jerónimo de Barros Peixoto — pela atitude tomada por este, quando dias atrás tinha efectuado uma busca em casa de um desses malfeteiros.

O cabo Peixoto também atacado deixou-se cair no chão como morto, ou melhor, fingiu-se morto o que lhe valeu não ser atacado de novo. Logo a seguir compareceu no local um reforço que conseguiu prender parte dos bandidos. Estes foram levados ao Sub-posto desta freguesia para interrogatórios. E assim, na madrugada de Domingo, a seguir ao assassinato do guarda, (dia 27) foram presas várias pessoas que faziam parte de uma quadrilha que trazia Fão em sobressalto.

No Sábado, dia 30 de Agosto, pela manhã, foi preso um tal Lírio que acabou por confes-

sar o verdadeiro assassino do guarda Joaquim Vale.

A população Fangureira e de outras freguesias estava indigníssima com os actos destes malfeteiros e ficou aliviada com a sua prisão.

S. Paio de Fão, 22 de Outubro de 1994
 JOSÉ MARIA MACHADO DO VALLE

TRIBUNAL JUDICIAL DE ESPOSENDE

ANÚNCIO

(2.ª publicação, 10-XII-94)

O Doutor Carlos Luis Medeiros de Carvalho, Juiz de Direito junto do Tribunal Judicial de Esposende.

FAZ SABER que pela 1.ª Secção de Processos deste Tribunal, nos autos de Acção Sumária n.º 162/94 movida por Maria Oliveira de Faria e marido, ausentes em França e representados por João Carlos de Faria, residente na Rua D. Ida Eiras, Fão, Esposende são CITADOS OS HERDEIROS DE JOÃO FRANCISCO DA FONTE, residente que foi em Fão, Esposende, para contestarem, apresentando a sua defesa no prazo de DEZ DIAS, finda que seja a dilação de QUARENTA DIAS, contada da data da 2.ª e última publicação do anúncio, sob a cominação de serem a serem condenados no pedido formulado e que consiste em declarar-se que os Autores adquiram por usucapião o prédio sito na Rua de Cima, da freguesia de Fão, a confrontar do Norte com o réu, do Sul com diversos, nascente com Joaquim Gonçalves e poente com Rua, inscrito na matriz predial sob o art.º 315.º urbano e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 5.994.º do B. 16.

Esposende, 12 de Outubro de 1994.

O Juiz de Direito,

a) Dr. Carlos Luis Medeiros de Carvalho

A Escriurária,

b) Fernanda Sá Lima

PIZZERIA - CREPERIA - GELATARIA

One Way

TAKE AWAY - ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO
 - ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C
 Esq. Trás - 4740 ESPOSENDE
 TELEF. (053) 961566

SOBRE O APELIDO FANGUEIRO

(Continuado) Retido na tipografia

Vamos imaginar que «Fangureiro» teve origem num Apodó — alcunha colectiva dada aos naturais ou habitantes de certas terras, com origem em ofícios ou actividades comerciais, etc.

Há quem pense, que teria origem no étimo «Fanga» e por que não, em «Fango», que significa em Castelhana ou Italiano, «Lama ou Lodo»?

O Elucidário das Palavras, Termos e Frases... de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, informa que na Idade Média «Fanga» era «praça ou lugar público em que o pão se vendia por uma medida chamada hoje «fânega» (de quatro alqueires) mas que antes se chamava «fanga» (de seis alqueires). Estava em 1798.

Cerca de um século mais tarde, os Dicionários informam: ser medida de quatro alqueires para secos; medida de oito alqueires cogulados para carvão de pedra; casa ou lugar público onde se vendia o pão por estiva; casa onde se fazia a medição dos cereais.

O termo «Fanega» era comum a Portugal e à Galiza (nos sec. XVIII - XIX) e nesta região, denominava «medida para áridos y tierras, que compreende cinco ferrados o 'tegas'».

O comerciante que utilizava a medida «Fanega» era chamado «Fangureiro», em Galego, e «Fanegueiro», em Castelhana. Em Portugal, não encontrei notícia ou informação em paralelo com este substantivo. Porém, apareceu-nos outras profissões com uma denominação algo parecida. Assim, temos:

Fanqueiro — negociante de panos de linho; logista de fazendas (de vários tecidos) e vendedor de lençarias.

Fragueiro — oficial que se empregava na construção das naus ou fragatas (neste caso, mais tarde conhecido por «fragateiro»); o que aprontava madeiras para as construções navais; o que tem paixão de andar à caça pelas fragaras e montes. (No que respeita à Idade Média).

Na Galiza, é denominado o que busca madeira para fazer carros.

Porém, «Fragueiro» era nesta região, medida de construção naval, que seria o Codo de 0,45m e também chamado: Cobedo — Fragueiro. (O Còvado em Portugal era de 0,66 m). Isto em 1543.

Fragueiro em Portugal, era também, um pau tosco e comprido ou pau de vassoura, com que se varre o forno, antes da fornada do pão.

Era mais chamado a um lenhador.

Faniqueiro — o que trata e ganha como os do fanico (seja: pouco e incertamente).

Fanequeiro — pessoa que se dedica à pesca de fanecas ou as vende (no que toca à região da Galiza).

Fandanguero — (quer em Portugal ou na Galiza), o que dança o fandango; amigo de bailaricos e festas.

Mas voltemos ao primeiro termo «Fanga» aqui mencionado, para acrescentar um significado mais recente — Medida usada a bordo, para calcular aproximadamente, a quantidade de carvão que vai sendo gasto nas caldeiras, cuja capacidade é de cerca de 100 Kg.

Depois desta abordagem, que visa mais esclarecer do que confundir, deverá concluir-se que os naturais de Fão, chamaram-se a si próprios «Fangueiros», por sua própria escolha, utilizando o sufixo «eiro», como era usual em tempos recuados, e com que foram minuseados os habitantes do Porto, quando lhes passaram a chamar de «Tripeiros», após a conquista de Ceuta, em 1415. E para não ficarem por aqui, ainda se chamaram de Portistas, mais tarde!

Mesmo que Fão se torne num deserto, os descendentes das dezenas de «Fangueiros», existentes fora da localidade, continuarão pelos tempos fora, a ostentar, nos seus apelidos, a memória dum gentílico, que lhes dará a conhecer sempre, a origem dos seus antepassados!...

Resta dizer: os «Fangueiros» são, ou foram já de Fão!...

ÓSCAR FANGUEIRO



Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes sempre utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria gramatical, como da especialidade etimológica, com muitos dos novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do repertório de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA. Rua de Resende, 351-4095 PORTO CODEX
 LIVRARIA ARNADO LDA. Rua de João Machado, 9-11/Antel. 125-3007 COIMBRA CODEX
 IMP. L. FLUMINENSE LDA. Rua de S. João Foz de Lizias, 3-A/1200 LISBOA

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



A ERVILHA

(Continuado do número anterior)

Vagens compridas, muito largas e com 6 a 8 sementes rugosas, grandes e de coloração creme.

Ervilhas «Tortas»

Aproveita-se toda a vagem. A maioria das variedades deste tipo são de porte alto. Entre as variedades «Tortas» mais conhecidas figuram: MELTING SUGAR, DE GRACE, CUERNO DE CEDRA e HEROLD.

AMANHOS PREPARATÓRIOS

A ervilheira pode ser plantada «à rasa» os canteiros. No entanto, este último é o processo mais aconselhável quando a cultura tem lugar em solos onde não se procedeu à aplicação de uma camada de areia.

A separação entre os canteiros é função da variedade escolhida. No caso das ervilheiras de *palba-baixa*, anãs, a distância oscila de 0,40 a 0,60 metros. Para as variedades de *tregar*, é frequente o estabelecimento de linhas duplas, espaçadas de 0,70 a 0,90 m. Os conjuntos de duas linhas ficam separados entre si, 1,75 a 1,50 metros.

SEMENTEIRA

O procedimento para a sementeira desta planta é muito semelhante ao seguido para o feijocim. Se o solo se apresentar muito húmido, a semente corre o risco de apodrecer. O mesmo pode verificar-se se a incor-

poração dos fertilizantes químicos tiver lugar com a antecedência, somente, de alguns dias em relação à sementeira.

A melhor época para se realizar esta operação é o mês de Setembro (meados), o que permite a obtenção das colheitas durante períodos do ano em que a produção de ervilhas cultivadas ao ar livre não é possível em qualquer região de Espanha, com excepção da zona muito quente da Costa do Sol.

Para a sementeira em terrenos armados «à rasa» o compasso oscila de 0,40 a 0,60m em todos os sentidos, para as variedades anãs. Para as restantes, o espaço varia de 0,70 a 0,90m, também em todos os sentidos, com corredores de 1,25m a separar cada duas fileiras consecutivas. Na sementeira em canteiros a distância entre os covachos oscila de 0,30 a 0,40, para as variedades de *palba-baixa* e de 0,50 a 0,60m para as de *tregar* ou de *palba-alta*. Em cada covacho são enterradas de 4 a 6 sementes à profundidade de, aproximadamente, 5 centímetros. Para a sementeira de 1000 metros quadrados são necessários 8 a 12 kg de semente.

Em comparação com as variedades de grão liso, suportam melhor no decurso da germinação e da emergência as temperaturas mais baixas e as condições de maior humidade ambiente. O espaço de tempo que medeia entre a sementeira e o nascimento da ervilha é de 8 a 12 dias, o que depende da temperatura ambiente e das variedades.

AMANHOS CULTURAIS

Sachas, mondas e amontoas

Nos solos sem aplicação de camada de areia, após a germinação das sementes e no decurso de um período de boa sazão, é aconselhável a realização de uma sacha com a finalidade de se impedir a formação de uma crosta superficial e se eliminar o crescimento das ervas daninhas.

Em seguida, quando as plantas tiverem alcançado cerca de 25cm, será o momento oportuno para a execução de uma cava. Esta operação terá o duplo objectivo de atestar à concorrência da vegetação invasora e de refazer os canteiros.

Na cultura da ervilheira os herbicidas usados com maior frequência são os seguintes:

Em pré-emergência — Cianacina, Terbutrina, Nitralina, Pernozalina, Metabenzoliazurão.

Outros Z— Metazol, Trialato.

Por sua vez, nos solos em que se procedeu à aplicação de uma camada de areia, até que as plantas atinjam, aproximadamente, 10 cm de altura, procede-se, as vezes que se tornarem necessárias, ao enchimento dos buracos que se fizeram naquela camada de material silicioso durante a operação da sementeira. Em seguida, e até ao início da floração, realizam-se mondas

em número suficiente para contrariar de modo efectivo a competição das ervas.

CUIDADOS A DISPENSAR À PLANTA

Tutores

A colocação de tutores está indicada sobretudo para as variedades de *tregar*, quando cultivadas em estufa. Entre os processos mais eficientes figuram o das cordas pendentes do tecto ou o das redes de arame verticais.

Não é necessário atar as plantas aos tutores pois elas próprias se agarram por meio das gavinhas.

COLHEITA

É feita à mão, directamente para cestos. O conteúdo destes vai sendo vertido para sacos. Para o bom andamento desta operação, há que tomar algumas precauções, pois os caules da ervilheira são muito débeis e, em contrapartida, a inserção da vagem é muito forte. Se esta for puxada com excessiva energia, corre-se o risco de arrancar muitos caules. O processo mais indicado é segurar estes com a mão esquerda e proceder com a direita à recolha das vagens.

Em regra praticam-se três ou quatro colheitas a intervalos de oito a dez dias.

Em condições normais, cada operário pode recolher diariamente de 100 a 125 kg de vagens.

A produção média por 1000 metros quadrados oscilka de 600 a 1000 kg.

PREPARAÇÃO PARA O MERCADO

Com o fim de se conseguirem preços mais elevados, é recomendável proceder à eliminação das vagens que evidenciem sintomas de doenças criptogâmicas, que revelem mordeduras de insectos, que não possuam sementes (ervilhas), etc.

No caso do produto ser destinado à venda directa em mercados centrais ou à exportação, torna-se necessário realizar uma selecção bastante esmerada, classificando o produto em duas classes. Na primeira serão incluídas as vagens tenras, verdes e frescas sem marcas devidas a ataques de pragas e doenças, com pedúnculo e contendo pelo menos 4 sementes. Na segunda classe ficarão as vagens restantes eliminando-se somente as mais danificadas.

A embalagem é feita para sacos de rede, com capacidade de 20 a 25 kg. No entanto, se o produto é de qualidade superior e se destina a mercados especiais, o acondicionamento é feito do modo preconizado para o feijão.

A ervilha pode ser conservada durante cerca de 20 dias em câmara frigorífica à temperatura de 1°C e com 85% de humidade relativa.

(Continua)

DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

FUTEBOL

Campeonato Distrital da Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga

Últimos resultados: Airão, 3 - Fão 1; Celeirós, 2 - Fão, 1; Fão, 0 - Ribeirão, 0 e Delães, 3 - Fão, 1.

Após a última vitória em casa perante o Celoricense por 2 - 0, consequência de uma excelente exibição, ninguém estaria à espera deste período negativo do Clube Futebol de Fão. Também é preciso levar em conta que nas últimas quatro jornadas apenas realizou um jogo no seu recinto e teve que defrontar três adversários que estão no cimo da tabela; mas que a equipa de Fão fora de portas não é tão desinibida, não pratica o mesmo futebol, não domina os seus opositores como no seu campo de jogos, lá isso é verdade. Releve-se mais uma positiva exibição, apesar do resultado de zero a zero, diante do Ribeirão, um clube com o estatuto de candidato à subida e que neste momento ocupa a segunda posição na classificação geral. Nem por isso deixou de temer o conjunto fãozense, pois praticou um futebol demasiado defensivo dando a entender aos espectadores de que não perder era um bom resultado.

A ideia de mais vale um pássaro na mão que dois a voar ficou bem expressa. Este forte adversário sabia que vir jogar a Fão para defrontar uma equipa composta de muito bons jogadores não era nenhuma pèra doce, e, assim para os objectivos a conseguir pelos ilustres visitantes, o empate foi positivo.

No entanto para os fangueiros foi um pouco frustrante, mesmo tendo em conta o poder do adversário. O Fão em casa dita as regras do jogo aos seus opositores, apesar de a falta de sorte já ter negado tantas vitórias quanto às partidas já realizadas. Jogar fora de portas não é o mesmo que jogar em Fão, isso é lógico! Mas, também há outra verdade nesse raciocínio e essa é que o conjunto fangueiro no terreno adversário se diminui, não perante o poder do adversário, mas por iniciativa própria. Porquê? Afinal, exceptuando o empate a zero em Apúlia, o resto são derrotas, e, os opositores não têm sido só os Golias! E, mesmo perante estes, têm os fangueiros a obrigação de mostrar algo mais, têm valor para isso.

O factor psicológico de jogar fora de casa não deve ser assim tão influente, e, apesar das arbitragens terem sido um pouco madrastras, não pode servir para justificar tantos desaires e aceitarmos de cara alegre os comentários como o que vamos transcrever do «Correio do Minho» assim como a classificação após o confronto entre o primeiro e o C. F. de Fão. Esta não é a verdade do campeonato que os fangueiros querem, mas para alguma coisa mudar é necessário compreensão e apoio. Sim, apoiar esta equipa, pois os seus componentes têm valor para fazerem coisas melhores.

E para a Direcção do C. F. de Fão que a tempo e horas preparou esta época, que financeiramente está de boa saúde, que realiza obras de melhoramentos no bar da sede social e também irá proceder da mesma forma no campo de jogos com a ajuda da Câmara Municipal, é um pouco desanimador não ter a compensação desejada e no futebol, certo ou errado, a principal compensação são os resultados positivos nos jogos.

E para terminar ficamos contentes por ver o jovem João André ser chamado novamente à equipa, jogando na segunda parte do encontro em Delães.

Nota: Encontram-se à venda em vários locais os bilhetes correspondentes ao sorteio de Natal com prémios aliciantes. A Direcção espera que os fangueiros colaborem.

NO SÁBADO

DELAËS, 3 — FÃO 1

Delães mostra a diferença!...

O Delães venceu e convenceu na tarde do passado sábado o Fão, por 3 - 1, consolidando assim a liderança do Campeonato Distrital da Divisão de Honra.

A turma da casa impôs o seu futebol desde o apito inicial e cedo começou a procurar o golo. O tento inaugural surgiu aos 11 minutos, após um lançamento efectuado por Petita para dentro da área e Carlos Manuel com um pequeno toque a bater o guarda-rosas.

Seis minutos depois, o Delães aumenta a vantagem com um golo de Paulo Campos, após uma bonita jogada de Miguel.

A defesa do Fão denotava algum desnorre e mostrava-se muito confusa. Valdemar não foge à regra e faz falta, dentro da área, sobre o avançado local. Chamado a converter, Miguel eleva a contagem para 3-0.

FÃO — José Maria, Alex, Valdemar, Pedro, Agra, Didi, Daniel, Sousa, Paquete, Tiago e Pinheiro.

CRISMA

D. Carlos Pinheiro esteve em Fão, no dia 27, onde ministrou o Crisma a cerca de 150 pessoas. Conta quem viu que o ilustre prelado na sua prédica se referiu a Fão em termos muito simpáticos.

Fez questão, disse, de visitar nesse mesmo dia os túmulos do P. e Job e do P. e Borda que haviam sido seus professores.

	J	V	E	D	G	P
Delães	11	8	3	0	20	7 19
Ribeirão	11	7	3	1	20	7 17
Airão	11	5	5	1	14	9 15
Vilaverdense..	11	5	4	2	18	10 14
Águias Alvelos	11	6	2	3	16	8 14
Serzedelo	11	4	5	2	15	13 13
Celoricense ...	10	4	4	2	14	9 12
Apúlia.....	11	4	2	5	11	15 10
Esporões.....	11	2	5	4	10	10 9
Águias Graça.	11	3	3	5	13	16 9
FÃO	11	3	3	5	10	14 9
Lagense	11	3	3	5	7	13 9
Porto' Ave....	11	2	4	5	11	11 8
Celeirós	10	1	6	3	7	9 8
Garfe.....	11	1	2	8	8	21 4
Realense	11	1	2	8	6	28 4

PELO HOSPITAL

O vogal Adelino Saraiva, da Mesa da Misericórdia, tem a seu cargo o pelouro de obras. Tendo em conta a magnífica actuação que tem protagonizado na Irmandade do Bom Jesus, estamos em crer que vai desempenhar tarefas meritórias no Hospital.

Além das obras que estão a decorrer naquele estabelecimento de assistência, pensa-se erigir na cerca do Hospital um chafariz luminoso e colorido.

Or irmãos «Miguéis» já, andam lá de volta a ver como vai ser.

Por falar em Hospital e em consequência da morte do dr. Queirós de Faria, foi convidado para ser o director clínico daquela casa o dr. Mário Menezes, que aceitou o cargo.

Como é sabido, o dr. Menezes já há muitos anos que vem exercendo funções clínicas no Hospital de Fão, na especialidade de Ortopedia.

O novo bloco cirúrgico do Hospital de Fão vai ter como patrono o nome do dr. Queirós de Faria.

CORO DO BOM JESUS

Tem prosseguido os ensaios e as exibições do grupo coral do Bom Jesus. Neste momento os coralistas são 25. Ao que nos disseram os responsáveis da Irmandade, actualmente não existem lá vedetas. É tudo gente do povo. humildes cantores que a seu modo contribuem para a grandeza da terra.

O ensaiador tem raízes em Fão. Trata-se de Joaquim Martinho, filho de um outro Martinho, de Fonteboa, que durante anos a fio foi o organista da igreja paroquial. O coral da Matriz também anda bastante ocupado em ensaios. Sempre em frente, fangueiros.

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

A HISTÓRIA DA PESTE NEGRA

(Continuado da pág. 12)

movimento chamado Irmandade da Cruz ou Flagelantes, cujos membros se autoflagelavam com látigos de tiras de couro com pontas de metal. Durante os primeiros trinta e três dias «noviciado», além das chicotadas, não podiam tomar banho, mudar de roupa, barbear-se, dormir numa cama ou ter relações sexuais.

Julgou-se também que os cheiros nauseabundos eram eficazes na prevenção da doença e então era um ver que te avias de pessoas a aspirar pressurosamente o cheiro das latrinas e de outros locais conspurcados, na ânsia de ficarem vacinados contra o terrível flagelo.



Muitas vezes quem pagava as favas eram os judeus. Bastava um frade, nas suas prédicas, levantar a suspeita de que as doenças eram enviadas por Deus para castigar os seus pecados, que logo se levantava uma onda de histeria que tinha como desfecho a morte de centenas ou milhares deles. Eram assados como sardinhas.

Bem, às vezes acontecia o contrário. Quando na terra aparecia um indivíduo com alma de santo, o povo corria até ele e rodeava-o, ansiando por tocar-lhe. Às vezes, porém, esse cerco era desenfreado, sem querer esgarçavam-lhe a roupa, puxa de um lado, puxa do outro, cada um procurava levar uma relíquia do santo, fosse um osso, fossem algumas vísceras.

Tempos difíceis onde imperavam o fanatismo e a ignorância!...

Finalmente a Peste Negra, ao fim de três, quatro anos, desapareceu mas deixou triste memória.

ARMANDO SARAIVA

FALECIMENTO

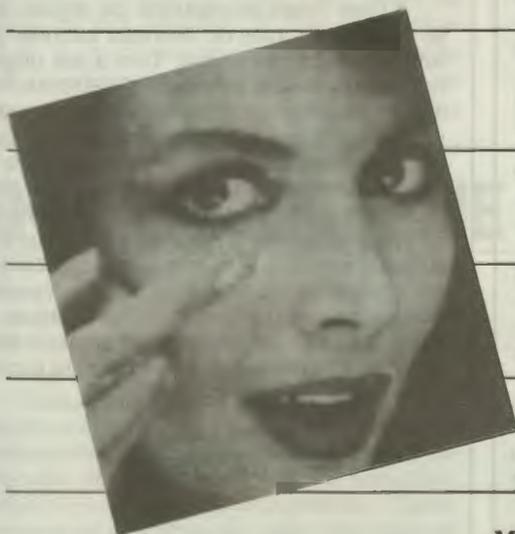
Em Bangu, Brasil, faleceu, com 69 anos de idade, o nosso conterrâneo Artur Saraiva.

Para a Ilda, sua esposa, um abraço muito sentido.

Se és bairrista utiliza o banco local
Se és bairrista usa o Correio da terra
Se és bairrista faz as compras em Fão

Optica Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.



• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

GABINETE DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA

MARCAÇÃO DE CONSULTAS DE:
OFTALMOLOGIA E OPTOMETRIA

Rua da Misericórdia, 4/6 — Tel. 7 57 77 • 4700 BRAGA

Biblioteca Municipal de Esposende

Programa Infante Juvenil
Dezembro

QUANDO FOR GRANDE QUERO SER...
PASTELEIRO

Dia 12, segunda-feira, 10 h — Vamos conhecer a arte do pasteleiro e ver como se fabrica o Bolo-Rei.

Colaboração da Pastelaria Rio Doce de Esposende.

CAIXAS SURPRESAS

Dia 14, quarta-feira, 10 h — Auditório Municipal — «Contos da Bíblia» de Hanna-Barbera's, legendado em português, maiores de 6 anos, 95 min.

Filme de desenhos animados que nos conta as aventuras de três jovens no tempo de Jesus Cristo.

Dia 19, segunda-feira, 15 h — Auditório Municipal — «Teatro, Música e Dança» pelo Grupo de ATL da Santa Casa da Misericórdia de Esposende.

Inscrições abertas apenas para Infântários e Grupos de ATL.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

FONTENÁRIO DA ALAMEDA

A 28-11-1892 foi lavrada a escritura de cedência gratuita, à Junta de Paróquia de Fão, da nascente de água, no campo da Arroteia. Foi sua doadora Dona Ana Jardiné Leite Mariz, viúva do facultativo (médico) Manuel Fernandes Carreira. A nascente fora comprada em 3-10-1868, por escritura lavrada pelo Tabelião Thomaz de Miranda Sampaio, de Esposende, pelo marido da doadora a Rosa Cardoso de Araújo, viúva de Manoel Caetano de Brito.

A água desta fonte e as vertentes das regueiras iam mover duas rodas de azenha, regas e limar o campo de Santo António da Fonte, que tocara em sua menção à doadora.

A escritura foi feita pelo Tabelião José António Pereira Vilela na casa do prior de Fão. A Junta de Paróquia foi representada, no altar pelo Presidente, Prior Gonçalo Lourenço Cardoso Viana, José Pinto de Campos Júnior e António Gonçalves Turra, que aceitaram a doação «de harmonia com a Comissão encarregada dos trabalhos e obras de encanamento e fontes que tem a dotar esta freguesia».

A cedência era «por doação gratuita, livre para ela de qualquer gasto; para que possam os segundos outorgantes explorá-la e encaná-la afim dos mesmos construírem ou edificarem fontes ou chafarizes para utilidade pública».

A Comissão atrás referida era a da Construção da Alameda que, a expensas de António Veiga da Silva, mandou encanar a água, construir o fontenário do Bom Jesus, que, pela forma como a pedra está lavrada, se verifica tinha duas bicas. Mais tarde acrescentaram-lhe mais uma.

Estava voltado para poente.

Em 13-11-1894 a obra ainda não estava concluída, devido «em parte à sua escassez (de água), por outro lado devido a pequenas deficiências verificadas na canalização geral, que só poderão ser removidas no próximo ano, em época adequada».

Entregaram o saldo da conta ao senhor João Evangelista da Silva, conforme autorização de António Veiga da Silva em carta de 30 de Outubro de 1893. Era de 432.420 réis. (Querubim Evangelista diz ser de 600\$000 réis).

Esta verba destina-se à construção da estrada do Mar, hoje Avenida António Veiga.

Note-se que, para a construção desta estrada, a Junta de Paróquia nomeou a 14-10-1888 uma Comissão, constituída pelo Reverendo Prior Gonçalo Lourenço Cardoso Viana, Padre Manuel Vila Chã Pinheiro, Dr. Augusto Moreira Pinto, António Vila Chã dos Reis, Valentim Félix de Magalhães, António Carlos Gonçalves e Francisco Fernandes Gai-fém para angariarem donativos, entrando a Junta com o subsídio de 200\$000 réis, de empréstimo a contrair. Esta Comissão chegou a efectuar diligências para a realização da obra, em especial quanto à ligação da estrada de acesso à fonte para a praia (Rodas) e interior de Fão, por rampas.

Em Maio de 1890 a Câmara Municipal de Esposende nomeou uma Comissão para tratar desta caso. Em 6-11-1893 foi formada uma nova Comissão constituída por António Vila Chã dos Reis, presidente, José Gonçalves Lages, vice-presidente, Manoel José Magalhães, secretário e João Evangelista da Silva, tesoureiro. Também tomou parte nesta Comissão o Padre Jerónimo Gonçalves Chaves. Foi a

esta última que a Comissão da Alameda entregou o remanescente dos donativos de António Veiga da Silva para a canalização da água. Sabemos que esta Comissão recebeu posteriormente outras verbas, mandadas por Veiga da Silva, que custeou totalmente toda a obra.

A 7-9-1944 a Junta de Freguesia autorizou o Juiz da Irmandade do Bom Jesus, Senhor Amândio de Oliveira Teixeira, a ligar um ramal ao depósito, 25 centímetros acima do nível das torneiras, para regar os jardins da Alameda, sob reserva de cortarem a água, se fizer falta ao abastecimento público.

Faz cem anos que este fontenário foi construído. Seria interessante que voltasse a ser activado.

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

É quase uma profissão esta: escrevo para vários jornais, mas nenhuma crónica, nenhum artigo, nenhum conto me deixa mais feliz do que o que vai para «O Novo Fangeiro».

Porquê? — Perguntarão.

É um fenómeno da alma e só ela poderá responder...

Aqui, eu escrevo para gente que me ama, que gosta de mim, que me entende, que me conhece.

É engraçado isto: eu quase não penso, deixo a alma falar, por cima do doce rio da recordação e da meninice.

Escrevo no dia primeiro de Dezembro, data que sempre teve para mim um fascínio muito especial.

Tem este mês tantos dias que me são queridos!

Mas coração sensível, não resisto nunca a um apelo de quem quer que seja pareça precisar de mim e, assim, abandono o doce e sedoso ninho dos meus dias especiais e torno-me, tantas vezes, numa espécie de irmãzinha de caridade...

Não sei por que disse isto, é tão sem importância!

Há bocado, abri a janela do quarto e esprei-te os montes ao redor.

O Fernando embrulhou-se mais e mais — a sua felicidade vem do descanso na horizontal.

Senti-lhe o mau humor espreitar pelo reboliço do lençol colorido mas, mesmo assim, falei-lhe da neve de que me recordava deste dia, quando era criança.

Disse qualquer coisa que não entendi e eu, então, vim pela casa abrindo janelas e correndo cortinados... Gosto de casas vivas. Para casas mortas, basta a noite quem com o sono, nos dá o esquecimento...

Porque a minha felicidade é batida pelo vento, mas, no entanto, estranho privilégio, mantém-se como um dom gratuito do céu.

Leitores, queridos leitores: cada destino possui o seu cunho especial, não esqueçam isso.

É, neste Natal que se avizinha, aproveitem, gulosamente, a vossa felicidade, mesmo que batida pelo vento do dia a dia, nem sempre ameno para as datas queridas.

A HISTÓRIA DA PESTE NEGRA

Um dos flagelos mais terríveis que assolava os povos na Idade Média eram as pestes. Entre estas, aquela que os historiadores consideraram como a mais mortífera foi a Peste Negra, que se espalhou na Europa a partir de 1347. Esta doença, a fazer fé nos relatos de escritores da época, identificava-se com a peste bubónica, assim chamada devido aos bubões ou inchaços que degeneravam em tumores e que apareciam, primeiro nas axilas ou virilhas, para depois alastrarem pelo corpo todo. Quando a bubónica degenerasse em pneumonia, transformava-se em pneumónica, quase sempre fatal.

Outra variedade da Peste Negra era a septicemia, uma infecção do sangue que vitimava os indivíduos em poucas horas.

Foi deveras mortífera esta doença. Há quem calcule que, só na Europa, pereceram cerca de dois terços da população, mas os cálculos mais fiáveis apontam para um máximo de um terço, o que corresponde a 20 milhões de almas. Ordinariamente a doença durava três dias. As ruas empilhavam-se hora a hora de cadáveres que alguns carregadores, a bom preço, levavam para os cemitérios, e depois de estes repletos, para os campos e para os rios.

Quem percorre os caminhos da História, pode verificar e confirmar que ao longo dos tempos, aqui na Europa e no resto do mundo, as crises pestíferas eram antecedidas de épocas de secas prolongadas que impediam o normal cultivo dos cereais. De onde a conclusão: períodos de seca iguais a períodos de fome e, quem diz fome, diz menos resistência às doenças. A peste então implantava-se e com ela o morticínio de pessoas e animais. Essa menor resistência das pessoas estava associada a outros factores tais como a ausência de uma alimentação racional e consequentemente menos rica, as condições precárias das residências, húmidas e friorentas no Inverno, a ignorância de preceitos higiénicos e uma medicina sem bases científicas. As bactérias, os micróbios e toda a série de microorganismos patológicos, que consubstanciavam a maior parte da etiologia das doenças, não constavam do léxico de então. Eram desconhecidos.

A Peste Negra, ao contrário das demais, surge após alguns anos de chuvadas intensas que inviabilizavam as culturas. Teve a sua origem na Ásia, provocada pelo bacilo YERSINIA PESTIS e os seus agentes transmissores foram pulgas que por sua vez se anichavam em ratos negros transportadas depois em navios para diversas partes do mundo.

A propagação deste terrível mal foi galopante. Diz a propósito o livro «Desastres que mudaram o mundo». «Quando morre alguém por ela (peste) infectado, todos os que viram o doente, ou visitaram, ou trataram qualquer assunto com ele, ou mesmo o carregaram até à sepultura, rapidamente o seguem pelo mesmo caminho».

CASTIGO DE DEUS

Desconhecida a causa da doença, os povos desse tempo consideravam-na como um castigo de Deus. A cura ou processo de cura passaram então por preces, invocações e sacrifícios que às vezes levavam às portas da morte. Na Alemanha surgiu por essa altura um

(Continua na pág. 11)